

---

**Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da  
educação feminina católica**

*Building subjectivities in the Santa Rita School (1947-1955):  
effects of the women's catholic education*

Francymara Antonino N. de Assis  
Aline Cleide Batista  
Francisca Terezinha O. Alves  
**Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**  
Mamanguape/PB, Brasil

**Resumo**

A proposta de trabalho analisa o cotidiano do Colégio Santa Rita, a partir do olhar da educadora Estelita Antonino de Souza e dos vestígios materiais desse modelo de educação escolar. Tem a preocupação de refletir sobre as estratégias utilizadas para legitimar saberes e disseminar conhecimentos e valores naquele ambiente. A metodologia adotada para a análise do tema compreende a discussão sobre a cultura escolar, a memória, bem como as contribuições da nova história cultural. A narrativa da educadora relembra sua formação no ginásio e expõe um conjunto de práticas culturais voltadas para a formação das moças. As cartas e cartões são objetos claros da cultura material escolar que confirmam o trabalho desenvolvido pela instituição a fim de modelar a conduta das alunas. A apreciação desses vestígios permite desvelar práticas culturais implementadas no Colégio Santa Rita no momento estudado.

**Palavras-chave:** Cultura Escolar; Educação Feminina; Práticas Educativas.

**Abstract**

This work analyzes the daily practice at the Santa Rita School (*Colégio Santa Rita*, in its original name in Portuguese) from the viewpoint of educator Estelita Antonino de Souza and the material remains of its model of school education. This work cares to reflect on the strategies used to legitimate and disseminate knowledge and values in that school. The methodology used to analyze that theme comprises discussing school culture, memory, and the contributions of the new cultural history. The narrative of Estelita Antonino de Souza recalls her educational background in the Santa Rita School and reveals a set of cultural practices towards girls' education. Letters and cards are evident objects of school material culture that confirm the work developed by that institution towards shaping the conduct of girl students. The appreciation of such remains allows us to unveil cultural practices implemented by the Santa Rita School in the historical moment under study.

**Key words:** School Culture; Woman Educator; Educational Practices

## 1. Introdução

Este trabalho é fruto de tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. Propõe que a riqueza de experiências e conhecimentos que os educadores constroem ao longo de suas trajetórias é o que efetivamente constitui as histórias da educação de cada escola, de cada contexto, de cada época. Nesse sentido, utiliza as narrativas sobre o cotidiano escolar e a análise das cartas e cartões de Estelita Antonino de Souza, professora e historiadora, natural do Sítio Ligeiro, zona rural da cidade de Serra Branca-PB, como objeto de estudo e fonte para a escrita da história da educação da Paraíba.

A trajetória profissional de Estelita Antonino foi vivenciada com base na sua condição de mulher branca, letrada, católica e dependente do trabalho para viver e sustentar a família. Em seu percurso, esses condicionantes não estiveram organizados e separados uns dos outros, ao contrário, foram experimentados de forma combinada, e, às vezes, até contraditória, ao longo da vida, constituindo, a cada momento, sua identidade e história.

Das muitas condições experimentadas por Estelita, a religiosa parece não ser a determinante, mas a que ajuda a dar sentido a algumas de suas escolhas e à sua trajetória no campo educacional. A opção pela fé católica apostólica romana criou para ela um universo de possibilidades, servindo como norte, como orientação. Essa participação no universo religioso cristão deve ser explicitada e compreendida como condição para o entendimento da sua identidade, assim como sua atuação e pensamento como educadora, posto que orientou de forma decisiva seu percurso no campo educacional. A experiência religiosa não determina Estelita Antonino como sujeito, mas sua compreensão se aproxima dela, permitindo lançar luzes sobre a trajetória da educadora.

Conforme afirma Scott (1999), as experiências dos indivíduos devem ser historicizadas, o que permite indagar, tomando a religião como chave de leitura para compreender a trajetória de Estelita Antonino, o que significava ser católica praticante no Brasil na segunda metade do século XX, operação necessária para que se entenda a sociedade e o indivíduo.

Abraçar a Igreja Católica significava incorporar um *ethos* e uma visão de mundo que deveria guiar e dar sentido às ações de seus adeptos. No caso de Estelita, a interlocução com

as missionárias franciscanas no final da década de 1940, quando de seu ingresso como aluna no internato do Colégio Santa Rita, criou a oportunidade para que ela entrasse em contato com alguns dos métodos e processos de ensino praticados naquela instituição de ensino, os quais fez circular em sua prática profissional. Sua trajetória no campo educacional nos remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como veículo de acesso a esse repertório pedagógico, bem como lhe forneceu as ferramentas<sup>i</sup> para ler e significar esse repertório.

Pensando em historicizar sua experiência, procuramos analisar a prática educativa das Franciscanas de Dillingen<sup>ii</sup>, observando o cotidiano do Colégio Santa Rita, a partir do olhar da educadora e dos vestígios materiais desse modelo de educação escolar.

## **2. O mapa do caminho**

Este estudo sobre a trajetória profissional da educadora Estelita Antonino de Souza converge para uma análise historiográfica que se assenta sobre a história das práticas educativas e da profissão docente. Diante da problemática descrita, tem-se como objetivo refletir sobre as estratégias utilizadas para legitimar saberes e disseminar conhecimentos e valores no Colégio Santa Rita, local onde a educadora estudou, experimentou e testemunhou os processos pedagógicos ali praticados. Desse modo, os estudos e leituras que subsidiam este trabalho vinculam-se a um universo teórico voltado para a compreensão dos atores sociais por meio da vida cotidiana. Desse modo, privilegiaram-se autores que assinalam a importância da descoberta de novos objetos e problemas, bem como das análises construídas a partir das noções de circulação, apropriação, crenças, representações e práticas cotidianas.

Este trabalho pretende compreender como Estelita Antonino se apropriou de elementos do repertório pedagógico vivenciado no Colégio Santa Rita, bem como apontar como o universo religioso influenciou suas escolhas e sua concepção de educação.

Nessa perspectiva, apoia-se nas práticas culturais, com destaque para a obra de Chartier (1994), na qual constrói o conceito de cultura, entendido como culturas plurais, das quais advêm as práticas culturais, explicadas pelas noções de representação, prática e apropriação como forma de compreender os objetos históricos em sua dimensão cultural. Tais categorias permitem entender o fazer histórico, nas palavras do autor: “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1994, p. 16).

*Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

Fundamentais na obra de Chartier (1994), o processo de circulação, assim como as noções de produção, apropriação e representação, caracterizam os usos e as práticas que se apoderam do objeto. Para o autor, a circulação envolve a ideia de recepção como apropriação efetuada por um sujeito ou grupo, que é indissociável dos usos que se fazem do que é posto a circular. Desprovidos de um sentido intrínseco, os elementos desse repertório, ao serem apropriados, são recriados a cada momento, conforme explica o autor ao tratar da circulação dos livros e de sua apropriação:

Concebidos como um espaço aberto a múltiplas leituras, os textos (e também todas as categorias de imagens) não podem, então, ser apreendidos nem como objetos cuja distribuição bastaria identificar, nem como entidades cujo significado se colocaria em termos universais, mas presos na rede contraditória das utilizações que os constituem historicamente (Chartier, 1991, p. 61).

Desse modo, a noção de apropriação remete à pluralidade de compreensões, interpretações e empregos, ou seja, refere-se à liberdade e à criatividade dos agentes sociais. Para Chartier (2002a, p. 68), a apropriação refere-se a “uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. Relaciona-se, portanto, à construção de sentido, a partir da leitura ou da escuta, realizada pelos grupos sociais frente aos discursos e dirigidas pelos elementos inscritos nas páginas que compõem obras ou textos singulares.

O conceito de representação e sua articulação com as práticas culturais constitui outra noção essencial na obra de Chartier (1994). A representação pode ser entendida como uma forma de incorporação da estrutura social pelos indivíduos e, portanto, da criação de esquemas de percepção e de juízo, no âmbito pessoal, os quais fundamentam a maneira de pensar e de agir. A representação de si que cada indivíduo, grupo ou comunidade elabora, bem como seu reconhecimento ou não por parte de grupos, é construída a partir de sua existência e constituem a sua realidade social. A noção de representação relaciona-se, também, com a representação de uma identidade, de um poder, de uma coletividade por meio de seus representantes.

As representações são inscritas nas práticas que compõem o cotidiano e construídas pelos discursos, assegurando ou perpetuando uma dominação ou dependência. Enquanto objetos da história cultural, as representações objetivam a construção do mundo social, podendo ser fabricadas a partir de formas simbólicas ou iconográficas, expressas mediante

discursos, gestos e textos, fundindo as noções de representação e prática. Para Chartier (2002b, p. 66), “não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. As práticas discursivas que constituem os textos e as obras são produtoras de sentido, ordenamento, hierarquização, e assim refletem e são refletidas por meio das representações que as produzem e contêm. Por outro lado, as práticas de apropriação caracterizam-se como plurais, múltiplas, complexas, compreendendo formas diferenciadas de interpretação. Nesse sentido, imagens, textos, rituais, comportamentos, são fontes preciosas para a história cultural e para o estudo das representações sociais. Compreende-se, portanto, que o que ocorria no Colégio Santa Rita, nos anos de 1947 a 1950, período em que Estelita cursou o ginásio, era a circulação, apropriação e representação de um conjunto de práticas educacionais e saberes nos quais a formação religiosa católica era inerente à formação escolar.

Este trabalho situa-se no horizonte das propostas que focalizam a vivência cotidiana da educadora, possuindo a particularidade de destacar a questão do gênero feminino e da religiosidade como um aspecto importante para construir essa forma de compreender as memórias da professora.

A alternativa metodológica mais adequada para responder as demandas postas por esse estudo é a história oral, reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, resgatando a tradição oral e as experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história tradicional. Para Meihy (1996, p10), a fonte oral é “[...] uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”. O autor considera que a fonte oral “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem”.

Chartier (2002b, p. 84) também faz referência ao relato como uma singularidade da história, pelo fato de manter uma relação específica com a verdade, pois as construções narrativas pretendem ser “a reconstituição de um passado que existiu”. Já Thompson (1992) define a história oral como prática social que pode gerar mudanças que transformam tanto o conteúdo quanto a finalidade da história, posto que altera o enfoque da própria história e revela novos campos de investigação, podendo derrubar barreiras entre os sujeitos. A partir desse entendimento, a narrativa construída neste trabalho, com base no objeto de pesquisa e em sua problematização, é feita, prioritariamente, com fontes orais, no entanto, não se

furta ao diálogo com outras fontes documentais. As narrativas, pontos de apoio para o trabalho historiográfico, são utilizadas, sobretudo, para o resgate da pessoa da educadora na sua história de vida. A história de vida pode ser considerada um relato autobiográfico, no qual a escrita (que define a autobiografia) está ausente. Na história de vida é feita a reconstituição do passado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo.

O desenvolvimento desse trabalho implica inevitavelmente a busca da compreensão do conceito de memória. O esforço se justifica porque a história oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva. Esta última pode ser entendida como somatória de experiências individuais passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

Na esteira desse entendimento, concorda com Halbwachs (1990), quando o autor afirma que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje. Não se conhece o passado tal como foi porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor. A partir dos estudos de Halbwachs, que apontam o caráter coletivo da memória e assim lhe atribui uma função social, é que se torna possível colocar a questão memorialista sob o ponto de vista histórico-sociológico. Esta reconfiguração permite reavaliar e apresentar o depoimento oral como fonte para o historiador.

As narrativas que compõem este estudo são resultantes de entrevistas realizadas com a educadora em Março de 2010 e Maio de 2012. A entrevista foi gravada e transcrita na íntegra, e, como não seguiu um roteiro previamente definido, permitiu que diversas memórias viessem à tona. As cartas e cartões foram selecionados do acervo pessoal da educadora.

Todos os cuidados éticos com a pesquisa que envolve seres humanos foram seguidos e consubstanciados na utilização de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e em parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba.

### **3. O catolicismo e a educação feminina: reflexos no Colégio Santa Rita**

Até 1810, o catolicismo foi a única religião permitida no país, mantendo a condição de religião oficial até 1889. Não havia separação entre as esferas religiosa e política, assim como não eram laicas as instituições políticas do Estado.

Segundo Hoornaert (1977), do nascimento à morte, passando pelo casamento e todos os demais sacramentos, pela participação na vida pública e pela instrução dos filhos, toda a

vida era impregnada pelo catolicismo, que formava o cenário da vida no Brasil. Nesse sentido, atender o apelo missionário e professar a fé católica, como fez Estelita, significava atender o apelo da religião que impregnava o cotidiano dos brasileiros. Fazer isso era conformar-se à maneira de pensar católico- conservadora com forte presença em Serra Branca-PB, local onde criou os filhos e atuou como professora por 35 anos.

Marca da religiosidade católica, a obediência, a lealdade e a submissão fundamentaram as práticas de ensino e o modelo educativo propugnado nas escolas confessionais, especialmente preocupadas em forjar o perfil feminino desejado por Roma e transformar a mulher em colaboradora do projeto de romanização. Os conteúdos curriculares da maioria dos colégios destinados à educação feminina primavam por uma educação refinada, permeada de valores religiosos, sensibilidades, imagens e gestos cuidadosamente construídos, que traçavam os contornos da “moça de família”, devota, bem preparada para assumir a função social de esposa e mãe.

Na confluência desse pensamento, o Colégio Santa Rita, escola confessional inaugurada em 1911 na cidade de Areia-PB, caracterizou-se por ser uma instituição de refinamento da cultura e da sociabilidade de suas alunas, preocupando-se em torná-las damas virtuosas, inclinadas ao convívio social e religiosas convictas, de tal forma que pudessem educar seus filhos nesses princípios. O Colégio Santa Rita atendia famílias de todo o nordeste brasileiro, sendo considerado exemplo de educação, ensino e formação das jovens.

Para atender os objetivos da educação feminina católica, o Colégio Santa Rita propugnava um modelo educacional baseado na instrução e na educação. No campo da instrução, importava prover a inteligência com as descobertas da ciência em assuntos humanos (universo das Ciências Naturais, da Matemática, da História, da Geografia, etc.). Pertencia à educação a tarefa de modelar o caráter das alunas, conforme os preceitos e valores morais católicos. O trabalho educacional buscava levar a aluna a internalizar esses preceitos morais e religiosos por meio da prática da virtude, do conhecimento dos valores religiosos e da assimilação dos bons exemplos. O objetivo maior do Colégio Santa Rita era formar jovens cultas e sociáveis, mas, acima de tudo, cristãs, católicas convictas, que disseminassem na família e em todos os espaços sociais os valores do catolicismo.

Para efetivar esse objetivo, o Colégio se organizava por meio de uma prática diária que comportava o momento dos estudos em sala de aula e o momento da vivência cotidiana,

*Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

marcada por severo regulamento, de preferência em um modelo de internato, pelo qual as alunas eram mantidas afastadas do mundo exterior e imersas na religiosidade.

Envolvidas nessa atmosfera de religiosidade, devoção e piedade, as alunas gravavam na memória, nos costumes, na cultura de cada uma, essa religiosidade, que, incorporada à vida da educanda, extrapolava os muros do Colégio, objetivo maior do projeto educacional das franciscanas.

O internato, que para muitas colegas era um sacrifício, para a jovem Estelita era um privilégio:

[...] Em minha casa, todos pagaram um preço pelo meu conhecimento, pois um estudo como aquele, mesmo com as mensalidades dispensadas, custava caro para o nosso padrão econômico. Naquele contexto, o estudo para mulheres era dispensável, e no meu caso, além das passagens, hotel, enxoval, despesas de material e internato, o meu trabalho fazia falta em casa, sacrificando mamãe, meus irmãos e irmãs. [...] A vida que eu levava na fazenda me preparou para aceitar o colégio sem problemas, adaptando-me com tranquilidade à rotina da casa. [...] Tudo o que as freiras me ensinavam era bonito, perfeito, exato, com uma firmeza e uma certeza que não davam margem a questionamentos. Era um ensino divinamente orientado e passado para as alunas com extrema dedicação, que eu procurava retribuir (Estelita Antonino, 15 de março de 2010).

De acordo com Foucault (1987), a escola, assim como as demais instituições de disciplinamento do século XVIII, são o local da invenção da fabricação dos corpos úteis à sociedade. Na obra *Vigiar e Punir*, o autor analisa os componentes dessa tecnologia disciplinar: a distribuição dos indivíduos no espaço, o controle do tempo, a vigilância e a punição.

A distribuição dos indivíduos determina “Cada indivíduo em seu lugar, e em cada lugar um indivíduo.” (Foucault, 1987, p. 169), produzindo o quadriculamento espaço-analítico que permite a vigilância contínua. Para Foucault (1987), a organização do espaço tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos, estabelecendo-se, assim, uma nova economia do tempo.

Nesse entendimento, os espaços passaram a demarcar uma funcionalidade que possibilitou melhor circulação e vigilância constante. Esses espaços, segmentos individuais que marcam lugares e recomendam valores, permitem a obediência, proporcionam uma melhor economia do tempo e dos gestos, organizam a disposição dos edifícios, das salas, dos móveis, cada um com a sua funcionalidade. A disciplina, a partir de então, passa a organizar



nas escolas a criação de lugares determinados, filas organizadas de forma a aproveitar espaços cada vez mais complexos. A sala de aula foi se transformando em um espaço onde os alunos estariam sob o olhar classificador do professor. A disposição tradicional das cadeiras na sala de aula seria um dispositivo que contribuía para a vigilância hierárquica mencionada por Foucault. Nesse ambiente, vários fatores influenciam esse caráter de vigilância constante, como um suposto jogo de olhar, que induz efeitos de poder. Os meios de coerção se tornam claramente visíveis sobre aqueles a quem se aplicam.

No espaço escolar do Colégio Santa Rita observa-se essa organização funcional e hierárquica: os longos corredores de acesso às salas de aula, nas quais as alunas eram separadas por série, por idade, por turma; o ordenamento das alunas no pátio; a colocação das cadeiras em fila; o espaço do corredor entre elas que permitia a circulação do professor; a publicação nos murais dos primeiros colocados nos exames etc. Nesse conjunto de alinhamentos, o aluno se desloca o tempo todo, numa série de casas que marcam uma hierarquia do saber e das capacidades.

Para Foucault, a disciplina organiza também o tempo que “[...] penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (Foucault, 1987, p. 178), priorizando a rapidez da atividade. Procura-se, também, garantir a qualidade do tempo empregado, ou seja, tornar o tempo integralmente útil.

Nas escolas, a divisão do tempo torna-se cada vez mais detalhada, e as atividades são cercadas por ordens que se têm que responder: a campanha que marca o horário de entrada e de saída dos alunos, o tempo de execução das tarefas, a repetição de atividades, a duração das aulas. Busca-se, dessa forma, acelerar a aprendizagem e ensinar a rapidez como virtude. O tempo é coletivizado, não é mais o tempo do corpo, do indivíduo, é o tempo controlado pelo poder.

A disciplina também organizava o tempo no cotidiano do Colégio Santa Rita de forma a torná-lo coletivizado e totalmente útil. A divisão do tempo era detalhada e as atividades cercadas de ordens que deveriam ser obedecidas:

[...] quando era de manhãzinha, tocava (o sino) para a gente se levantar. Era apenas um toque. A gente levantava, arrumava a cama, ajeitava tudo direitinho e descia para tomar banho, ir para a igreja e assistir a missa. Depois da missa, entrávamos para as aulas (Estelita Antonino, 15 de maio de 2012).

*Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

O período histórico vivido pela educadora no Colégio Santa Rita, compreendido entre os anos de 1939 a 1942, foi marcado pela expansão industrial. Naquele momento, a sociedade exigia um novo padrão de comportamento e expressava um intenso desejo de organizar racionalmente o tempo e as formas de trabalho. Conviver com tal paradigma significava entender que a expansão industrial prescrevia os modelos e comportamentos afinados com esse contexto: maior produção em menos tempo.

Provavelmente o Colégio Santa Rita acreditava que o colégio não poderia se ausentar de sua função de preparar as alunas para a nova sociedade. Era necessário capacitá-las a desenvolver habilidades que proporcionassem maior rapidez na execução dos movimentos. A esse respeito, Estelita afirma:

[...] O professor de História chegava na classe, [...] pegava os livros e quem quisesse escrever, baixava a mão sem levantar nem a cabeça, porque se levantasse, não dava tempo, porque quando chegava na hora ele recolhia (os cadernos)” (Estelita Antonino, 15 de maio de 2012).

É possível inferir que, no Colégio Santa Rita, acreditava-se que esta seria a direção que levaria à racionalização social como acesso ao progresso, e a escrita não fugia dessa lógica socialmente imposta.

Esse entendimento aproxima-se do pensamento de Foucault (1987), com destaque para sua reflexão a respeito da vigilância. Segundo o autor, na modernidade “A vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna do aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar” (Foucault, 1987, p. 200). Na sociedade disciplinar, a vigilância deve ser contínua, vista pelos indivíduos que estão a ela impostos como permanente, presente em toda a extensão do espaço. Foucault aponta o mesmo movimento na reorganização do ensino elementar – a instituição e organização dos controles.

Para auxiliar o professor, surgem os monitores, os “visitadores”, os bedéis, e toda uma série de “oficiais” que desempenham papéis que correspondem a tarefas materiais e de fiscalização. Mais recentemente, observam-se câmeras, seguranças dentro da escola e nas suas imediações, munidos de rádios transmissores, em contato permanente com a direção da escola. Enfim, na escola, todos se vigiam e são vigiados ao mesmo tempo.

Neste percurso em favor da ordem disciplinar, desenvolve-se, paralelamente, toda uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser apreciada, ou para vigiar o espaço exterior, mas sim, para ter novo sentido, permitindo um controle interior que seja articulado e detalhado, tornando visíveis os que ali se encontram. A arquitetura agora passa a ser um operador de uma estrutura intencional que visa à transformação dos indivíduos: “[...] As pedras podem tornar dócil e conheável [...] com o ordenamento desse espaço disciplinar, tem-se a facilidade de manter sob controle os corpos e seus movimentos” (Foucault, 1987, p. 144). Dessa maneira, a disciplina exclui a reflexão do subordinado e requer a economia do tempo, que deve ser manejado com rapidez e eficácia por aqueles que detêm o poder, que pensam e planejam pelos sujeitos envolvidos no processo educativo.

No Colégio Santa Rita, as grossas paredes do internato desempenhavam a função de não permitir a saída das alunas nem a entrada do mundo exterior, seja ela na forma de pessoas não autorizadas, leituras proibidas ou correspondências (todas censuradas). A maior função do internato era a vigilância: de todos os instantes, de todos os movimentos, de todos os atos públicos e particulares, de modo que não existissem privacidade, características próprias ou individualidade. Cada gesto era medido por um conjunto de regras destinadas a modelar a mulher culta, polida e marcada por uma educação conservadora.

Nesse local preservado, isoladas do mundo exterior, as alunas do Colégio Santa Rita viviam em um mundo artificial, no qual o cotidiano escolar era entrelaçado por uma sucessão de festas e comemorações religiosas que construía o seu tecido cultural. Retiradas da vida comum, as alunas internalizavam um conjunto de normas e preceitos educativos que concretizavam o projeto de formação de um sólido alicerce religioso, sobre o qual se construiria uma sociedade de acordo com os critérios da Igreja: uma sociedade católica, ordeira, hierarquizada, moralizada, antiliberal e antifeminista.

No relato da educadora, a seguir, percebe-se o rigor da disciplina no cotidiano escolar do Colégio Santa Rita:

[...] tudo era norma, tudo era regra. Do amanhecer do dia quando a gente acordava, até quando a gente ia se deitar. Inclusive [...] nem na hora de dormir ficávamos sós. Tinha um quatinho (chamava-se cela), que era o quarto da freira que tomava conta (de nós) (Estelita Antonino, 15 de maio de 2012).

A arquitetura da instituição, em si mesma grandiosa, transmite o discurso que institui os valores da ordem, da disciplina e da vigilância, ou seja, institui uma política de controle dos

movimentos e dos costumes. O princípio do Panóptico de Bentham<sup>iii</sup> rege essa composição arquitetural: na periferia uma construção em anel; no centro uma torre vazada por largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel. O efeito mais importante do panoptismo é induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder; fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação. Observa-se que a arquitetura do Colégio Santa Rita, tanto na disposição dos corredores, quanto na localização do pátio interno, propiciava a vigilância constante das freiras sobre as alunas.

#### **4. Cartas e cartões: redes de sociabilidades reveladas**

Estelita não quis apagar seus traços. Em sua casa, mil papéis preenchem gavetas, armários, estantes, pedaços de lembranças que a educadora guarda sugerindo a intenção de guardar o tempo em momentos significativos que podem ser evocados indefinidamente. Encontra-se em seu arquivo fragmentos de vidas (cartas e cartões) que, de outra forma, estariam perdidas e permitem entrever a intimidade das famílias, com suas práticas, linguagem e visão de mundo (Perrot, 2008).

A espontaneidade das cartas pode dar a ilusão de transparência, no entanto, impõe-se às moças, autoras de algumas cartas, certo modelo de comportamento, códigos de conduta que exigem tradução de sinais, leitura nas entrelinhas, captar as alusões em meias palavras, sentidos que em alguma medida continuam opacos. Nesses escritos íntimos, entrevê-se a existência de jovens às voltas com os papéis que a sociedade lhes impõe, e, no caso de Estelita, confrontada entre as suas aspirações, o que era esperado para seu destino. É uma correspondência entre mulheres de origens diversas, ligadas pelo afeto da amizade construída no Colégio Santa Rita, mulheres que se conhecem e se compreendem.

As colegas de internato escrevem de modo franco, em tom de convivência, fazem piadas, fofocas e críticas: “[...] S. esteve aqui há poucos dias, acabou o noivado. Domingo estava no cinema, quase não a conhecia, o vestido cava, decote enorme, de modo que o ombro constava de três dedos. Que decepção!” ([Carta] Areia-PB, 28 de janeiro de 1955).

Nas cartas, as moças, que buscam a interlocutora amiga e cúmplice, tecem o cotidiano em tom de confiança: aparecem com espontaneidade seus problemas, sonhos, amores encontrados e perdidos, mal-entendidos, mil detalhes que desenham o contorno de suas vidas e que este trabalho busca distinguir. Elas falam dos vestidos, dos enxovais,

provavelmente devido à importância do traje nas funções de representação das mulheres. O cuidado com a aparência, presente nos relatos das moças, revela uma marca da civilidade que também é responsabilidade das mulheres, principalmente daquelas das classes mais abastadas. As colegas internas inscrevem os acontecimentos do Colégio nas luvas, nos vestidos, nos sapatos, que parecem ter valor inestimável:

[...] agora preciso falar um pouco sobre nossa formatura. Já está tudo organizado. O nosso vestido é róseo. A fazenda conforme o gosto de cada uma. O meu comprei de cácia, mas não gostei. Sapatos de verniz, sendo fechado, meias, luvas pretas, bolsa, etc. Por ser de fazenda facultativa, as meninas compraram de organdi suíço, organdi bordado e outras semelhantes. Estou pensando na decepção que as mães vão passar. Vivo frequentemente sonhando, nem penso em estudar. A festa será à tarde, pela manhã há missa. [...] falam que o bailado vai ser tão lindo como nunca ([Carta] Areia-PB, 7 de novembro de 1952).

O enxoval é um legado de conhecimento entre mãe e filha: “[...] Tens trabalhado muito nessas férias? Eu já estou ajudando a mamãe preparar meu enxoval e também estou fazendo um paninho de tricot” ([Carta] Currais Novos-RN, 16 de janeiro de 1948).

A ocupação com as toalhas, os lençóis, os paninhos, também ganham sentido numa rotina de gestos aprendidos, repetidos e cultivados no Colégio Santa Rita: “[...] Estelita, você já costura? Eu costuro alguma coisa. [...] agora o trabalho de classe é uma camisa de homem, no começo do ano fizemos uma camisola” ([Carta] Areia-PB, 4 de setembro de 1954).

Em alguns momentos, as cartas contam as práticas de moças devotas: “[...] não se esqueça (Estelita) que no próximo dia 14 de fevereiro é o aniversário de Madre Superiora, faça-lhe um belo presente de fervorosas orações,” ([Carta] Currais Novos-PB, 16 de fevereiro de 1948). Nas cartas, o pudor pesa sobre as revelações mais íntimas, como se estivessem a mostrar o que deveria estar oculto, ou a despertar uma curiosidade maléfica à castidade de moças cristãs: “[...] (Estelita), quanto ao meu idílio, vai mais ou menos. E você tenha cuidado com esses namorinhos, que a moça muito namoradeira você deve saber o resultado...” ([Carta] Surubim-PE, 2 de novembro de 1954). “[...] Estelita, este anexo é só para falar dos boys. [...] quase nada tenho a lhe contar. [...] Quando vier, traga muita coisa para me dizer, certamente você tem (muito) mais animação do que eu, logo é quartanista” ([Carta] Cupira-PE, 16 de julho de 1950).

Havia também conflitos, brigas, revolta entre as ginasianas:

## *Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

[...] Você me fez muita falta no internato. Falta apenas um ano para libertar-me dali, já não suporto mais! [...] O internato é aquilo mesmo. Não há quem suporte a tal Madre Siegfrieda, junto com a Superiora, de vez em quando expulsam um bocado ([Carta] Esperança-PB, 9 de fevereiro de 1952).

A literatura católica, materialidade da devoção, circulava no Colégio Santa Rita em inúmeros cartões (santinhos) estampados com imagens e mensagens sagradas. Encontram-se às dezenas no arquivo de Estelita. Os cartões tinham função prescritiva e pedagógica, são expressões materiais que concentram ações e significados, tornando-os importantes para a análise das expressões religiosas daquela instituição.

A face imagética apresenta o santo, santa ou anjo, numa cena característica do personagem a que se refere, relacionada à sua biografia e ao conjunto de lendas e mitos que compõem a sua tradição. (Certeau, 1996). Assim, elementos de aparência física, vestimentas, objetos, animais ou instrumentos de martírio, sinais adicionados à pessoa santa, contribuem nesta configuração.

As mensagens veiculadas nos cartões induzem processos de simbolização, formas de sociabilidades e de construção dos significados apregoados pela Ordem Religiosa das Franciscanas de Dillingen, nos quais se procura incutir na jovem o apreço pelo silêncio e pela reflexão. Em um dos seus cartões, lê-se: “Estelita, Pelo silêncio é que se aprende a arte de falar bem” ([Cartão] Sem data).

Há também frases, versos e expressões que exaltam a humildade, o silêncio, além de referências elogiosas às jovens pelo bom comportamento. Um dos cartões enviados à educadora exalta a “bôa Estelita pelo comportamento exemplar durante as aulas de música”; e parabeniza “pelo grande esforço nos estudos durante o ano letivo de 1949”.

Os cartões sintetizam, portanto, referências a uma maneira de dizer e também a uma maneira de fazer e viver no mundo; são composições de linguagem, gesto e contextos; combinações de regras, costumes e sentimentos postos a circular e apropriados pelos sujeitos de diferentes formas.

No caso de Estelita, a pequena caixa, na qual repousam seus cartões, alguns por mais de 60 anos, guarda lembranças que materializam relações que povoaram sua vida e fundamentaram sua atuação no mundo.

Em muitos momentos, as narrativas das ginásianas em suas correspondências mostram a força dos modelos de orientação moral e religiosa que se infligiam às moças cristãs, postos à circular no Colégio Santa Rita:

[...] Queria ser você para passar o S. João ao lado das bondosas Madres. Desde que aqui cheguei só tenho ido à Igreja e mais a parte alguma. Madre Superiora mandou dois santinhos lindos para mim. Estou muito satisfeita ao lado dos papais, mas tenho muitas saudades do colégio ([carta] Currais Novos-PB, 30 de junho de 1947).

O espaço de Estelita é definido pelas relações familiares e frequentações mundanas, limitado ainda mais pelas restrições colocadas à circulação feminina, pois uma moça de família não pode circular só, mesmo estando a visitar a madrinha:

Estelita. [...] Faz mais de um mês que saíste daqui e não destes mais notícias. [...] Em que estais te ocupando aí? Tu não escreves por falta de papel ou de correio? Papai manda dizer que venha logo, pois aqui tem muito o que fazer. [...] se não vier quarta-feira, faça o favor de escrever, pois isto não é jeito de moça nenhuma, sair de casa e não dar mais nem notícia. Passeio muito demorado não é bom. Sua irmã ([carta] Sítio Ligeiro-Serra Branca-PB, 26 de setembro de 1951).

Vê-se, pelo relato acima, que ser mulher na segunda metade do século XX é ocupar um lugar determinado pela divisão sexual dos papéis, o que obriga Estelita a se esforçar para atender a responsabilidade comum às mulheres (ser filha, esposa, mãe), ao mesmo tempo em que buscava o excepcional (a docência, os cursos de aperfeiçoamento, os congressos), caminhos de emancipação que trilhou, permitidos às mulheres de seu tempo.

É possível afirmar que Estelita tentou, de certo modo, viver diferentemente sua condição de mulher, já que, em momentos variados, demonstra a vontade de escapar da opressão do cotidiano, da costura, da casa, dos filhos, destino habitual das mulheres. Acreditamos que a educadora se conforma, resigna-se a seu destino de esposa e mãe, no entanto, não é uma mulher sem vontade, sem desejo.

Ao mesmo tempo, Estelita é adepta de um catolicismo muito tradicional em suas práticas de devoção e de crença. Sua devoção católica é romana, inteiramente dirigida pelo clero secular, o clero das paróquias, que fortalece a estruturação da Igreja e a primazia do papa: assistir à missa, confessar-se, catequizar, são seus atos maiores, aos quais a educadora se dedica fervorosamente. Aqui reside, talvez, a coerência de uma visão de mundo e de uma sensibilidade, a chave de leitura que permite vislumbrar os traços de uma educação recebida na família e no Colégio Santa Rita que marcaram a sua existência e foram propagados por

*Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

meio de uma prática educativa fortemente vinculada aos preceitos morais e religiosos da fé cristã. Os dias, os pensamentos de Estelita estão imersos em devoção; suas exortações à Maria Santíssima, importante elemento cultural católico, são anunciadas nas reuniões da Pia União das Filhas de Maria, nas celebrações organizadas pela Igreja em Serra Branca-PB, nos grupos de oração:

Prezada assistência. [...] Contemplemos Maria na sua glória, nos coloquemos sob o seu manto virginal neste dia em que o mundo cristão se volta para os braços da Mãe de Deus. Deus quis arrancar do abismo esta humanidade pecadora, tomando a natureza humana no ventre da única criatura que trazia a sua alma isenta dessa nódoa. Maria, que representa o lírio da pureza virginal, continua velando pelos seus filhos que constantemente se desviam do caminho do bem [...] ([oração] Estelita Antonino, sem data).

Assim anunciada, a oração tem caráter pedagógico ao transmitir doutrinas e ensinamentos importantes ao seu grupo de pertencimento, funcionando como apelo emocional à conversão.

Suas palavras de exortação religiosa, constantemente repetidas nos espaços por onde circula, indicam sensibilidade e sintonia com os princípios da religião católica, assim como funcionam como confissão pública da fé da educadora e instrumentos de divulgação e promoção da Igreja Católica Romana.

A análise de suas orações permite vislumbrar a sintonia com aspectos essenciais da visão de mundo da Igreja Católica: ressaltam a experiência pessoal com Deus, a salvação pela fé, a corrupção do homem, a necessidade de santificação pelas boas ações e a expectativa da vida eterna, com forte devoção a Virgem Santíssima. O caráter hierárquico e universalista do catolicismo, seus dogmas, também são temas encontrados em suas orações:

[...] Protegeí, Senhor, o Representante de Vosso Filho na Terra, os bispos, os padres, os religiosos, os fiéis, fazei com que todos – sacerdotes e leigos, adolescentes, adultos e velhos – formem uma estreita união de pensamentos e afeto [...] ([oração] Estelita Antonino, sem data).

Em várias passagens, aparecem expressões que promovem a obediência, a humildade, a pureza, além de ressaltarem o caráter pecador do homem.

##### **5. Considerações finais**

As narrativas e comunicações de Estelita Antonino de Souza são a evidência de que comunga com os princípios e valores fundantes do catolicismo, experimentado e praticado



na família e no Colégio Santa Rita. Nesse quadro é possível compreender a trajetória profissional traçada por Estelita, estudante de uma escola confessional católica e professora no início da carreira de uma escola paroquial, experiências que proporcionaram a educadora a oportunidade de se formar em determinada concepção de vida e de ensino, colaborando assim para fazer circular em sua prática educacional os princípios da doutrina cristã, além dos elementos da pedagogia e da cultura do seu grupo religioso.

A trajetória percorrida por Estelita no campo educacional remete a essa rede de pertencimento que operou, no seu caso, como veículo de acesso ao repertório pedagógico cristão. Nesse sentido, procurar seus interlocutores e os cruzamentos que ela estabeleceu com base na sua rede de pertencimento permite esclarecer genealogias de influências, dando inteligibilidade ao seu repertório intelectual.

A presença das franciscanas alemãs no Colégio Santa Rita fala do contato de Estelita com esse modelo de educação trazido para o Brasil, mas também evidencia que esse modelo não foi imposto, mas sim visto como ideal de pertencimento. Certamente, a interlocução e a convivência com as franciscanas alemãs foram fundamentais para a formação profissional da educadora em termos de aprendizagem da cultura pedagógica praticada pelas religiosas católicas.

A atuação das freiras professoras deu a Estelita a possibilidade de observar, no próprio cotidiano da escola, a prática pedagógica que ela fez circular no seu percurso profissional. Essa experiência marcou a trajetória da educadora, visto que, mesmo depois de sua saída do ginásio, num processo em que se articularam reflexão e interpretação, incorporou a sua prática pedagógica os métodos de ensino observados na instituição confessional, modelo e referência em termos de organização e métodos pedagógicos para a época.

O fato de Estelita ter passado pelo ginásio, e posteriormente, quando professora, a partir de outras redes de sociabilidades, fazer circular os preceitos da educação católica, indicam mais uma vez uma genealogia de influência, o lugar de sua formação pedagógica, além de evidenciar que o projeto da igreja de propagar os princípios doutrinários do catolicismo envolveu não só seus agentes oficiais, mas também aqueles que gravitavam em torno deles, como foi o caso de Estelita.

Foi nesse ambiente religioso e seus cruzamentos que Estelita circulou. A partir deles, estabeleceu um diálogo e uma apropriação da experiência educacional católica.

*Construção de subjetividades no Colégio Santa Rita (1947-1955): reflexos da educação feminina católica*

Evidentemente a educadora teve outros interlocutores, ligados a outras redes de relações, porém, foi a ligação com a religião católica que permitiu vislumbrar seu percurso.

### **Referências**

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópoles: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2002a.

CHARTIER. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002b.

CHARTIER. **A história hoje: dúvidas, desafios e propostas**. Estudos históricos. Rio de Janeiro. V. 7, n. 13. 1994.

CHARTIER. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. v. 11, n. 5, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 32.ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis-RJ: vozes, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo, primeira época**. Petrópoles: Vozes, 1977.

MEIHY, José Carlos S.B. (1996). **Manual de História Oral**. São Paulo: Editora Loyola.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Corrêa]. 1 ed. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, LAGOS e RAMOS (org.) **Falas de gênero: teorias, análises e leituras**. Santa Catarina: Ed. das Mulheres, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista brasileira de história da educação**, n.5, p. 125-167, Jan./Jun. 2003.

### **Entrevistas**

Estelita Antonino de Souza. Entrevista realizada em sua casa, [Março de 2010]. Entrevistadora: Francymara Antonino Nunes de Assis. Município de Serra Branca-PB, 2010.

Estelita Antonino de Souza. Entrevista realizada em sua casa [Maio de 2012]. Entrevistadora: Francymara Antonino Nunes de Assis. Serra Branca-PB, 2012.

### Fontes utilizadas

Cartões – Curso Ginásial - Colégio Santa Rita.

Cartas – Estelita Antonino de Souza – Arquivo pessoal da educadora.

### Notas

---

<sup>i</sup> Neste trabalho, “ferramentas” são concebidas como um esquema de valores e percepções compartilhadas por determinado grupo social e que estruturam e significam a experiência individual e coletiva. De acordo com Warde (2003), por meio delas os sujeitos compõem “um determinado quadro compreensivo do que lhe fora dado a ver, ouvir e ler”.

<sup>ii</sup> A Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen foi fundada em 1241, por um grupo de senhoras, na periferia da cidade de Dillingen – Baviera – Alemanha. Em 1937, o primeiro grupo de Franciscanas de Dillingen veio para o Brasil. Seis Irmãs assumiram a direção do Colégio Santa Rita em Areia, Paraíba, e outras seis foram para o Rio de Janeiro.

<sup>iii</sup> Jeremy Bentham, filósofo inglês, descreve, em O Panóptico, uma construção carcerária que se fundamentaria no “princípio da inspeção”, segundo o qual o bom comportamento dos presos seria garantido se eles se sentissem continuamente observados.

---

### Sobre as autoras

#### Francymara Antonino Nunes de Assis

Graduada em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Atua como professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba, vinculada ao Departamento de Educação (DED/CCAUE/UFPB). Vincula-se ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR/PB e ao Grupo História e Memória da Educação da Paraíba. Email: francymara858@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7460-2918>

#### Aline Cleide Batista

Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2014); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte -UFRN (2008); Graduada em Pedagogia pela UFRN; Atualmente é Professora Adjunta III, na Universidade Federal da Paraíba-UFPB, vinculada ao Departamento de Educação (DED/CCAUE/UFPB), atuando, principalmente, nos seguintes temas: Formação de Professores, Multiculturalismo e Educação, Currículo e Práticas Pedagógicas. E-mail: alinecleide@yahoo.com.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6912-9553>.

#### Francisca Terezinha Oliveira Alves

Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Atualmente é Professora Associada IV, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vinculada ao Departamento de Educação (DED/CCAUE/UFPB). E-mail: ftoa@academico.ufpb.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4909-5026>.

Recebido em: 24/02/2024

Aceito para publicação em: 28/05/2024